

## **PESQUISA, ATIVISMO E MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL<sup>1</sup>**

### **RESEARCH, ACTIVISM AND MEMORY: REFLECTIONS ON THE STUDY OF WOMEN'S FOOTBALL IN BRAZIL**

Rafaela Souza <sup>2</sup>  
João Vítor Marques <sup>3</sup>  
Olívia Pilar <sup>4</sup>

#### **Resumo**

Em entrevista à **Dispositiva**, a professora Silvana Goellner discute os principais avanços e retrocessos do futebol de mulheres nos últimos anos e defende a importância da interdisciplinaridade e de uma perspectiva interseccional como chaves para o avanço das pesquisas do campo. Além disso, a pesquisadora destaca a perspectiva teórico-metodológica da história oral utilizada em pesquisas sobre o futebol de mulheres e reflete sobre as representações e expectativas de gênero que perpassam o esporte, analisando como a Comunicação Esportiva se insere nesse contexto.

#### **Palavras-chave**

futebol de mulheres; gênero; história oral.

#### **Abstract**

In an interview with **Dispositiva**, professor Silvana Goellner discusses the main advances and setbacks in women's football in recent years and defends the importance of interdisciplinarity and an intersectional perspective as keys to advancing research in the field. Furthermore, the researcher highlights the theoretical-methodological perspective of oral history used in research on women's football and reflects on the gender representations and expectations that permeate the sport, analyzing how Sports Media fits into this context.

#### **Keywords**

women's football; gender; oral history.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: souzacrafaela@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6922-5260>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5877770066513347>.

3 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: jvnmarques@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7894625980221117>.

4 Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: oliviapilar.pesquisa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9648-4817>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6712946626732119>.

## Introdução

Silvana Vilodre Goellner é licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, doutora em Educação pela Unicamp e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Atua como professora visitante da UFPel. Ao longo da trajetória acadêmica, tem se dedicado a pesquisar temas relacionados a gênero e sexualidade, mulheres e esporte, história do corpo e da educação física, com abordagens ancoradas majoritariamente na documentação, informação e memória.

Coordenou o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS entre 2000 e 2019 e é uma das responsáveis pelo “Garimpendo Memórias”<sup>5</sup>, projeto de extensão que transforma entrevistas em documentos a partir da História Cultural e da História Oral. Foi curadora de três exposições sobre futebol feminino no Museu do Futebol no Pacaembu, em São Paulo: “Visibilidade para o Futebol Feminino” (2015), “Contra-Ataque: as mulheres do Futebol” (2019) e “Rainhas de Copas” (2023).

Nesta entrevista à **Dispositiva**, Silvana Goellner reflete sobre os avanços e retrocessos do futebol de mulheres nos últimos anos e defende a interdisciplinaridade como chave para fazer avançar o campo de estudos. Na análise, a pesquisadora discute representações e expectativas de gênero, os binarismos e preconceitos tão presentes no esporte e como a comunicação esportiva se insere nesse contexto.

**Rafaela Souza, João Vítor Marques e Olívia Pilar (RS, JVM e OP)** – Podemos começar explorando as mudanças que aconteceram nos últimos dez anos em relação ao futebol de mulheres. Tivemos uma série de acontecimentos, como a oficialização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em 2013, a partir do fim da Copa do Brasil de Futebol Feminino. Passamos, ainda, por mudanças no estatuto da Fifa, obrigatoriedade da Conmebol, recordes de audiência nas Copas de 2019 e 2023, recordes também no Brasil mais recentemente, enfim, muita coisa mudou. Muitas vezes, destacamos esses acontecimentos, mas o que você tem visto que vai além disso? Como você avalia essa última década para a modalidade no Brasil?

**Silvana Goellner (SG)** – Eu acho que a última década tem sido promissora para o futebol de mulheres, não apenas em relação às que estão em campo jogando, mas na própria tomada de decisões. Algumas mulheres passaram a ocupar cargos importantes de decisão no futebol mundial, e isso fez com que houvesse não só uma maior divulgação e visibilidade da modalidade, mas também um maior poder decisório sobre algumas ações.

Eu diria que muito do que a gente está visualizando hoje decorre de ações importantes de mulheres que foram feitas nas entidades que regulamentam o esporte. Eu quero chamar atenção para o protagonismo da Moya Dodd, que é uma ex-jogadora de futebol da seleção australiana e foi vice-presidente da Confederação Asiática de Futebol. Em 2013, a Moya passa a constituir o comitê executivo da Fifa<sup>6</sup>. Em 2015, ela lança uma proposta, um documento, dentro da Fifa buscando a igualdade de gênero nos cargos

5 Garimpendo Memórias: Educação Física, Esporte, Lazer e Dança é um projeto de pesquisa fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Cultural e da História Oral. O projeto foi criado pela professora Silvana Goellner em 2002 e atua na realização de entrevistas com pessoas que fizeram e fazem parte da história de diferentes modalidades esportivas. Atualmente, é coordenado pela professora Silvana e pela professora Christiane Garcia Macedo.

6 Disponível em: <https://www.myfootball.com.au/news/australias-chance-fifas-head-table>. Acesso em: 30 jan. 2024.

de gestão, ocupação de espaços, ampliação do futebol de mulheres. Então, ela é a primeira pessoa – e no caso uma mulher – a trazer para dentro da instituição que regula o futebol mundial, no caso a Fifa, a discussão de gênero.

Essa proposta é aprovada, digamos assim, em 2016, e, então, a gente vai ver reverberar no que você anunciou na sua pergunta: as decisões das confederações intercontinentais terem ampliação dos cargos de gestão, a própria decisão da Conmebol em 2016, valendo a partir de 2019, de que os times de camisa que disputam os campeonatos intercontinentais tenham equipes de mulheres. Consequentemente, a gente vai ver isto: a ampliação dos campeonatos. Então, essa decisão não se dá como uma concessão das agências reguladoras do esporte, ela é uma luta das mulheres, e, para mim, isso é muito claro.

Se a gente avançou um pouco – e eu acho que ainda temos muito a fazer –, esse avanço tem um protagonismo das próprias mulheres, seja nas agências reguladoras do esporte, seja na própria mídia. A gente vai ver que se os canais mais tradicionais compraram a ideia de divulgação do futebol de mulheres, é porque as mídias alternativas; se a gente pode chamar assim, estavam cumprindo esse papel. Os campeonatos eram transmitidos por essas mídias, os comentaristas e as comentaristas geralmente vinculados a essas mídias foram fazendo com que o futebol de mulheres tivesse uma maior visibilidade. Esse foi um mecanismo que ampliou essa discussão ao ponto de as mídias tradicionais resolverem abraçar o futebol de mulheres como uma possibilidade nas suas pautas. Volto a dizer: decorre muito de movimento das próprias mulheres.

A gente não pode negar que os feminismos tiveram uma contribuição muito importante, se não num vínculo direto, numa relação de que as mulheres do futebol são feministas, mas a própria ideia dos feminismos de que mulher pode ocupar o lugar que ela quiser, que “não é não”, de movimentos como o “nenhuma a menos”, a Primavera Feminista... Movimentos que foram empoderando as mulheres para seus processos decisórios, seus processos de autoidentificação e os seus processos de perceber que as mulheres não são menos que os homens.

A nossa sociedade é pautada por uma discussão estrutural. Então, gênero, raça e etnia são categorias sociais que estruturam nossa sociedade. E o futebol é atravessado por elas. Assim, esses avanços todos que a gente começa a perceber nessa última década têm relação muito forte com esses movimentos sociais que reverberaram no futebol. Eu acho que é importante a gente pensar isso e não analisar o futebol só a partir do próprio futebol, mas que ele está inserido num conjunto de reivindicações, manifestações e expressões que fizeram com que as mulheres tomassem um pouco mais os seus processos decisórios. Eu acho que é relevante considerar isso quando se avalia o desenvolvimento do futebol de mulheres nos últimos tempos inclusive porque ajudou a desconstruir a ideia de que o futebol de mulheres não era significativo, era lento, não tinha técnica, não tinha interesse por parte de público e por parte de patrocinadores. À medida que os campeonatos começaram a ser transmitidos e que começou a ter uma maior exibição das mulheres em campo, esse discurso caiu por terra, porque houve uma adesão das pessoas ao futebol de mulheres.

Eu sempre digo que a gente não pode comparar o futebol de mulheres com o futebol de homens, porque são coisas completamente diferentes. Não só porque eles sempre tiveram apoio para estar no futebol e porque, desde o início, tiveram uma série

de empecilhos, impedimentos e leis, inclusive, que as proibiram de estar nessa prática, mas porque o futebol de homens não é comparável a nenhum outro esporte. Ele emergiu e se constitui como um nicho que tem um grande número de praticantes.

No entanto, há um pequeno grupo que ganha salários exorbitantes, fora de qualquer parâmetro de comparação. Então, essa estrutura – que é, também, gerenciada pelo modo como a sociedade capitalista se desenvolve, o futebol é um produto de mercado que atrai determinadas pessoas e que faz girar um montante de dinheiro muito grande – passa, de uma forma muito incipiente ainda, a gestar futebol de mulheres. Então, a gente vai ver uma série de perspectivas dentro dessa última década, umas de aderência à tentativa desse modelo, e outra de resistência para tentar fazer um futebol que seja um pouco diferente. Existe uma pluralidade no futebol de mulheres, e eu acho que quando a gente avalia a última década, não pode olhar só esse futebol mais institucionalizado do alto rendimento, dos campeonatos nacionais, intercontinentais e campeonatos mundiais.

O futebol de mulheres é muito mais do que isso. Essa é uma pequena fatia do que significa ser uma jogadora de futebol ou uma pessoa que esteja inserida no universo cultural do futebol. Então, os avanços que aconteceram estão situados em determinadas perspectivas do futebol, mas há uma gama muito maior. Digamos assim: é a ponta do iceberg. O futebol de mulheres é muito mais do que isso.

Temos que pensar no futebol de mulheres como uma prática de lazer não apenas comprometida com os clubes que disputam competições. Temos que refletir questões, por exemplo, o acesso das mulheres aos espaços públicos onde acontecem a prática de atividades corporais esportivas. Ela é ainda muito limitada. Quem tem acesso aos espaços públicos em grande medida são os meninos e os homens, e as mulheres precisam negociar para estar ali. É necessário pensar, também, no futebol como conteúdo da disciplina de Educação Física na escola, pois, para as meninas, ele ainda é muito restrito quando comparado a frequência com que é ofertado aos meninos. Com isso, quero dizer que há uma série de perspectivas de olhar para os futebolis, utilizando o termo no plural mesmo, que estão ainda completamente desassistidos.

Então, comemorar alguns avanços dessa última década tendo como observação o futebol mais institucionalizado e mercadológico, não significa afirmar que as mulheres que queiram jogar futebol, que queiram estar no futebol, inclusive como torcedoras, tenham assegurado os direitos mínimos que têm para ali estar. Por isso, acredito que precisamos olhar com cautela esse discurso muito positivado de que o futebol de mulheres avançou. Progrediu em determinados campos, mas, de um modo geral, para as mulheres, ainda é muito complicado estar no futebol.

Com relação a isso, também não podemos deixar de pensar que, para as mulheres, os espaços públicos, além de serem disputados, muitas vezes não são seguros. A questão do estupro, da violência, do feminicídio, ou seja, a violência contra mulheres, ainda é uma das perspectivas que cerceiam os seus direitos porque, efetivamente, as mulheres correm perigo em estar em algum lugar público, muitas vezes, sozinha. A gente tem visto, a cada vez que abre as páginas dos jornais, os índices de feminicídio aumentam, de violência e de estupro. Vejamos o que aconteceu, agora, com a Palhaça Julieta<sup>7</sup>, que foi assassinada só por ser uma mulher que estava viajando sozinha e foi vítima de um crime bárbaro.

7 Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/01/08/julieta-hernandez-quem-e-a-artista-venezuelana-morta-no-am-enquanto-viajava-de-bicicleta-pelo-brasil.ghml>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Não podemos olhar com otimismo para uma sociedade na qual as mulheres são sujeitos de segunda categoria, na qual, efetivamente, correm risco de vida e risco de sofrerem abusos e violências exclusivamente pelo fato de serem mulheres. Então, como o futebol, muitas vezes, é identificado como um espaço de predomínio dos homens, há certo receio de que as mulheres, ao estarem nesses espaços, passem a ser vítimas de situações como essa. Sem falar na questão de abuso e de assédio moral, que também é outra questão que é pouco discutida no campo do futebol. Como ele é gestado em grande medida por homens, muitas vezes as mulheres sofrem esses abusos sem se dar conta até mesmo pela naturalização da violência que incide sobre elas. Ou, às vezes, quando se dão conta, não denunciam porque podem perder o mínimo que elas conseguiram obter para estar nesse espaço.

Tentando resumir essa primeira pergunta, eu diria que não é só sobre futebol. O futebol está inserido num contexto muito amplo de perspectivas para as mulheres. Analisar especificamente o futebol com esses resultados não dá a real dimensão do que é uma mulher ter o desejo de acessar o universo cultural do futebol e permanecer nele, porque são questões distintas. Muitas vezes, as mulheres acessam, mas não conseguem permanecer, por essas pressões sociais como as que eu venho falando, não só do assédio e do abuso, mas da própria desqualificação do protagonismo delas em campos diversos, entre eles, o campo esportivo.

**RS, JVM e OP** – Ao longo dos últimos anos, você tem tido contatos com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para tratar do futebol de mulheres. Que avaliação faz do atual trato da entidade em relação ao futebol feminino? A instabilidade no comando tem atrapalhado eventuais avanços?

**SG** – Eu entendo que a CBF ainda não desenvolveu um plano estratégico de efetivo apoio ao futebol de mulheres. E podemos olhar isso a partir de diferentes perspectivas. O Comitê de Reformas<sup>8</sup> que a CBF instituiu, em 2016, teve um grupo de trabalho do futebol feminino do qual participei, lançou um documento, aprovado naquela época pela própria instituição, que previa uma série de questões relacionadas a direito de imagens, competições, estruturação da modalidade, além de plano de um estratégico de curto, médio e longo prazo. E o que eu considero mais importante daquele documento é a criação de um departamento de futebol feminino, que até hoje a CBF não criou. Não institucionalizou um departamento específico de futebol feminino coordenado por mulheres com experiência no futebol de mulheres.

Então, a gente vê alguns avanços e muitos recuos, como a instabilidade da própria gestão da CBF. Quando o Rogério Caboclo assumiu [a presidência], em 2019, foram admitidas a Aline Pellegrino e a Duda Luizelli, do Rio Grande do Sul, para fomentar o futebol de mulheres. Em pouco tempo, essas mulheres já não estão nos cargos para os quais foram admitidas. Aline, hoje, coordena as competições do futebol, e a Duda foi demitida. Ou seja, uma série de ações que foram acontecendo, logo elas deixam de acontecer. Eu penso que isso resulta de falta de interesse político no desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil. É claro que houve a ampliação no número de campeonatos, a oferta de algumas vagas em cursos de capacitação com algumas mulheres recebendo financiamento, no fomento de competições, na questão de direito

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-lanca-comite-de-reformas-do-futebol-1>. Acesso em: 30 jan. 2024.

de imagens, entre outras, mas o futebol de mulheres está muito além disso. Precisa de um plano estratégico de desenvolvimento e formação de base e tantas outras questões que são essenciais para o fomento da modalidade, o que, volto a dizer, prescinde de um departamento específico.

E tem outra questão da CBF que, para mim, é inadmissível e pela qual um grupo de mulheres, no qual me incluo, tem lutado que é o reconhecimento das mulheres no Museu da CBF. As mulheres ainda estão ausentes do Museu da instituição, no seu acervo exibido ao público, praticamente não há nada sobre futebol de mulheres. Há uma ou duas peças e, mais recentemente, uma estátua da Marta.

Mas Marta, apesar de todas as suas conquistas, não significa o futebol de mulheres. Marta já é de uma geração que só foi possível acontecer porque outras a precederam. E a CBF não tem esse reconhecimento. Então, enquanto não houver a inserção efetiva da história das mulheres no seu Museu, a CBF está demonstrando seu desinteresse, porque a história do futebol dos homens é contada com detalhes e a do futebol das mulheres é negligenciada, apagada.

Existe no Museu da CBF um céu maravilhoso representado por estrelas e cada estrela tem o nome de um jogador que serviu à seleção, que vestiu a amarelinha. Não tem isso para as mulheres, não há registro de acesso ao público de quem foram as jogadoras, quais foram os campeonatos disputados, os amistosos, quantos gols cada jogadora fez. A própria regulamentação do futebol de mulheres, que aconteceu em 1983, não está registrada na instituição que é responsável pela gestão do futebol brasileiro. Essa falta de registro da história delas é muito significativa, expressa a política institucional que, do meu ponto de vista, ainda não é efetiva. Ela é muito pontual e, em grande medida, resulta de pressões externas à CBF e externas às próprias instituições reguladoras.

Para resumir minha resposta, entendo que, enquanto a CBF não criar um departamento feminino de futebol com diretorias específicas e enquanto não inserir as mulheres dentro do seu Museu, tudo o que é feito atende demandas pontuais do momento. Para mim, o futebol de mulheres ainda não está incorporado na instituição com o estatuto que merece. Enquanto a CBF não reconhecer as mulheres que abriram os espaços para que o futebol fosse possível acontecer, as ações implementadas não têm grande efetividade e variam de acordo com o interesse de quem assume a presidência ou não. Ou seja, o futebol de mulheres ainda não faz parte de uma política institucional. Penso que, se a CBF tivesse um departamento feminino, com o poder de incidência que tem sobre as federações estaduais, todas poderiam ter esse mesmo departamento. Daí sim, poderíamos pensar em mudanças estruturais efetivas em todo o País e no próprio fomento da modalidade. Mas, infelizmente, o interesse não é bem esse.

**RS, JVM e OP** – Uma das principais contribuições, entre as tantas que você trouxe para os estudos sobre futebol de mulheres, é a utilização da história oral como forma de recontar algo que ficou escondido por tanto tempo. Mais especificamente, como você analisa a interdisciplinaridade entre campos como Comunicação, Sociologia, Antropologia e Educação Física para a reconstrução da história do futebol de mulheres no Brasil?

**SG** – Com relação à história oral, eu a entendo como uma potente ferramenta para possibilitar que vozes excluídas ganhem espaço, representatividade, significação, poder e presença. A experiência que eu tenho tido com o futebol de mulheres, atravessada pela perspectiva teórico-metodológica da história oral, tem sido muito potente e tem reverberado na produção acadêmica e não acadêmica da área.

O projeto Garimpando Memórias existe desde 2010. Em 2015, eu fui convidada pelo Museu do Futebol para ser a curadora da exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino,” e isso se deu porque eu constantemente falava para a direção do Museu do Futebol que as mulheres não estavam lá. Eu e uma série de pessoas. As mulheres não aconteciam no museu, não tinham presença. Era a história do futebol dos homens em nosso País. Então, a Daniela Alfonsi, na época diretora técnica do Museu, me convidou para, junto com a equipe da instituição, fazer essa exposição.

Por que eu trago esse exemplo? Bom, onde está o acervo do futebol de mulheres se não está nas instituições de memória, se não está nos clubes? Esses acervos estavam com as mulheres. Então, eu comecei a fazer contato com jogadoras de futebol, sobretudo da primeira geração depois da regulamentação, dizendo que a gente queria contar um pouco da história, queria trazer essas mulheres para o Museu, perguntamos se elas tinham acervos. E, dentro desse movimento, comecei a ouvir essas mulheres e, por meio de entrevistas, solicitei que narrassem suas histórias.

Além dessa exposição, participei da curadoria de duas outras realizadas no Museu do Futebol: em 2019, aconteceu a “Contra-ataque! As mulheres do Futebol” e, em 2023, “Rainhas de Copas”. Nessas exposições, o grupo de curadoras utilizou muito dessas informações advindas das entrevistas de história oral. Eu fiz muitas, mas outras pessoas também fizeram, e produzimos fontes de pesquisa importantes para que essa história pudesse ser contada. E eu não tenho dúvidas de que muito do que a hoje gente sabe sobre o futebol de mulheres veio pela voz das próprias mulheres que o protagonizaram, porque os clubes, as instituições e as entidades oficiais não têm esses registros.

**RS, JVM e OP** – Ainda sobre essa interdisciplinaridade, vemos que você defende bastante a sinergia entre pesquisa e prática, especialmente no âmbito da educação física e do lazer. Nesse sentido, como podemos pensar essa prática em relação ao futebol de mulheres, ainda tão marcado pela invisibilidade e falta de recursos?

**SG** – A questão da interdisciplinaridade é fundamental. Mesmo utilizando recursos da história oral nas pesquisas e nos textos, a gente dialoga claramente com outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia, com as pesquisas do campo dessas áreas, como etnografia, por exemplo. A interdisciplinaridade é fundamental para a produção do conhecimento, porque ela amplia a possibilidade não só de captação e produção de fontes, mas o próprio viés interpretativo e argumentativo das análises que podemos fazer a partir desse entrelaçamento entre perspectivas teóricas que dialogam.

Eu acho que isso também é fundamental quando trabalhamos com a história oral, porque, ao olharmos para os sujeitos específicos do futebol de mulheres, respeitamos os atravessamentos de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros. A história oral contribui para entender grupos que têm pouco acesso e que são pouco visibilizados na perspectiva de narrar uma história não oficial, ao contrário, produzir uma história crítica, uma história argumentativa, que possibilite entender os mecanismos

pelos quais, ao longo da história, o futebol foi uma prática excluída e com uma série de impeditivos para as mulheres. Ajuda, por exemplo, desvendarmos argumentos que recaem no binarismo de que as mulheres podem determinadas coisas e não outras, e o futebol está dentro desse processo.

**RS, JVM e OP** – O Garimpendo Memórias, projeto do qual você é vice-coordenadora, é um importante acervo com entrevistas de personagens relevantes para o esporte brasileiro. Vocês tinham como objetivo tentar trazer vozes que, em muitos momentos, não têm tanto espaço na mídia tradicional? E quais são os próximos passos do projeto?

**SG** – Eu tenho feito isso desde que comecei a pesquisar sobre mulheres e esportes. E quando iniciei a olhar o futebol de mulheres adensei meu ativismo político, ou seja, me aproximei muito das mulheres, me coloquei ao lado delas. Então, a partir do momento em que começo a fazer essas entrevistas, a me aproximar delas na captação de acervo para as exposições, eu me sinto uma pessoa que se solidarizou e se colocou com elas junto em várias frentes e lutas, seja nas instituições oficiais como a própria CBF, seja em outros espaços de disputa de poder. Essa aproximação ressignificou o meu jeito de fazer, olhar e entender a pesquisa.

Quando criei o Grupo de Estudo Mulheres do Futebol, juntamente às ex-jogadoras Juliana Cabral, que foi capitã da Seleção Brasileira, Leda Maria, Márcia Taffarel, Thaís Picarte e Dilma Mendes, que são mulheres do futebol, o meu fazer acadêmico foi modificado, porque eu consegui estar com mulheres de dentro do futebol. Então, eu não escrevo sobre as mulheres. Hoje, eu escrevo com as mulheres do futebol, e isso é muito diferente, alterou meu jeito de fazer as entrevistas, meu olhar de pesquisadora.

Eu não tenho a mínima dúvida de que, nessas entrevistas, determinados assuntos e determinados temas não seriam ditos apenas para uma pesquisadora. Mas para uma pesquisadora que está com elas, que conseguiu a confiança delas e também que está acompanhada por outras mulheres do futebol. Alguns temas são falados com muita abertura, muita clareza, muito sentimento e muita emoção, e grande parte das entrevistas se revelam muito emocionantes. As mulheres choram, elas calam, tem coisas que elas ainda não conseguem falar. E esse silêncio diz muito. Ou seja, essa minha proximidade e essa minha militância política com elas modificaram o meu fazer acadêmico, porque isso trouxe elementos que estão além das técnicas de pesquisa. São coisas que emergem de dentro de grupos que foram invisibilizados por muito tempo e que o simples fato de concederem uma entrevista significa serem reconhecidas por uma pessoa da universidade, o que, para elas, é muito significativo e reverbera de uma forma bastante positiva.

O Garimpendo Memórias, talvez, seja o projeto mais significativo que eu já tenha feito e com o qual estive envolvida como pesquisadora. Eu criei o Garimpendo Memórias em 2002 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, desde então, a ideia era de trazer e produzir fontes que não eram oficiais, ou seja, produzir fontes em esportes e em espaços em que as pessoas não eram visibilizadas ou elas não tinham espaço e nem representatividade. Então, o Garimpendo Memórias sempre tentou atuar buscando essas pessoas que não têm voz e nem vez, e o futebol de mulheres entra dentro dessa perspectiva.

Quando eu me aposentei da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019, o projeto passou a ser compartilhado com a Universidade Federal do Vale do São Francisco com a coordenação da professora Christiane Garcia Macedo, que foi minha aluna orientanda de mestrado e doutorado e que tem uma formação imensa na história oral. Para dar continuidade a esse projeto, que faz parte de nossas vidas, transferimos seu vínculo para lá, e eu assumi o papel de vice-coordenadora. Nós duas somos muito empolgadas com o Garimpando Memórias e temos uma expectativa muito grande com esse projeto, inclusive, porque ele se tornou uma referência de pesquisa em história oral no campo da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança.

Essa expertise, que se criou desde 2002, fez com que a gente produzisse não só um acervo significativo de entrevistas, mas materiais e procedimentos específicos para pensar a história oral dentro do campo das práticas corporais esportivas. Produzimos um manual básico de procedimentos que direciona todas as etapas da pesquisa, desde a escolha da pessoa a ser entrevistada até a sua disponibilização. Neste ano de 2024, a Christiane e eu estamos escrevendo um livro sobre o Garimpando destacando seu aporte teórico e detalhando todas as etapas e procedimento envolvidos na produção do acervo de entrevistas que, hoje, aproxima-se de 1000 realizadas. Dessas, 800 já estão disponibilizadas para consulta no site do projeto<sup>9</sup>. Recentemente, a Christiane passou em um concurso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, então, o Garimpando Memórias vai migrar para a UFMG. Lá, tem um centro de memória, o que é maravilhoso, e existe uma relação muito próxima entre as instituições que cuidam da memória e a história oral.

As mais de 800 entrevistas que estão disponibilizadas passaram por todos os procedimentos da história oral e são fontes utilizadas não só em trabalhos acadêmicos, como monografias, teses e dissertações, mas também pela mídia. Isso é visível nos anos que têm Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, pois percebemos o quanto as entrevistas do Garimpando Memórias são acessadas e servem de fontes para inúmeras reportagens. Eu considero o Garimpando Memórias um projeto muito significativo dentro dessa ideia de pensar esportes e práticas corporais esportivas a partir de quem fez, de quem realizou, de quem organizou, de quem esteve presente, de quem assistiu. São as vozes das pessoas que protagonizaram de alguma maneira esses espaços e penso que essa é uma das mais significativas funções da história oral como uma ferramenta teórico-metodológica porque possibilita a inserção das narrativas e das vozes de quem protagonizou os acontecimentos.

Sobre os próximos passos do projeto, vamos continuar na realização das entrevistas. Hoje, temos mais de 200 entrevistas ainda para fazer todo o processamento porque entre o tempo de fazer uma entrevista e cumprir todos os procedimentos existe uma série de etapas a serem cumpridas que vai desde a transcrição; o copidesque, que é ouvir o que foi dito e comparar com o que foi transcrito; a pesquisa sobre os dados e os nomes que aparecem; a devolução para pessoa que concedeu a entrevista e a autorização dela para a publicação. Muitas vezes, essa devolução é rápida; às vezes, demora um ano ou mais; e, por vezes, não devolve ou não autoriza. Enfim, dado o rigor que temos para o desenvolvimento do projeto, o processo é lento e cuidadoso.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://garimpandomemorias.univasf.edu.br/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

No livro que vamos lançar, tem toda uma parte teórica da discussão sobre a história oral e, também, o detalhamento de todos esses procedimentos metodológicos que a gente construiu ao longo do tempo e que foram se modificando. Com as novas tecnologias de informação, houve uma série de mudanças, ou seja, entrevistas feitas de modo remoto, não presencial, trouxeram outras perspectivas para pensar a história oral, sobretudo depois da pandemia. A gente foi modificando alguns procedimentos metodológicos durante esse processo, se adequando tanto a essas novas tecnologias, como às novas formas de relacionamento mediadas hoje pelas telas dos computadores.

A gente pretende, além do lançamento do livro, constituir novos acervos, porque eu acho que efetivamente o que o Garimpando Memórias tem feito é isso: a produção de fontes que podem ser acessadas de forma gratuita. As entrevistas que estão no site fazem parte do movimento de acesso livre à informação científica, no qual as pessoas não precisam pagar para terem acesso a essas informações, e isso é muito importante. Muitas dessas entrevistas foram feitas para o desenvolvimento de pesquisas específicas ou de mestrado e doutorado. Nessas produções, aparecem apenas alguns trechos. Por isso, publicamos no site as entrevistas na íntegra para que frutifiquem e sejam acessadas por muitas outras pessoas.

**RS, JVM e OP** – Algumas discussões mais recentes no âmbito acadêmico têm destacado a importância de um olhar que supere a noção de “mulher universal” e considere as interseccionalidades que demarcam as experiências das diversas mulheres não só no futebol, mas no esporte em geral. Você e outras autoras já chegaram a mencionar o fenômeno do embranquecimento da Seleção Brasileira ao longo das décadas. Como você tem analisado isso em sua trajetória como pesquisadora e ativista do futebol de mulheres?

**SG** – Eu acho que romper com a ideia da “mulher universal” é uma contribuição dos feminismos, sobretudo dos feminismos pós-estruturalistas, vertente na qual eu me encontro, que acato e me ajuda a olhar para os campos aos quais eu olho. E essa não é uma perspectiva recente nem mesmo no futebol. Talvez o que aconteça hoje é que a emergência e a potência do Feminismo Negro visibilizaram muito a implosão do olhar universal sobre as mulheres. Mas gostaria de dizer que essa possibilidade já está dada pelo pensamento feminista há algum tempo, sobretudo pela vertente pós-estruturalista.

E, sim, é fundamental olhar para as mulheres a partir do que, hoje, se chama de interseccionalidade, que são os marcadores sociais da diferença e como eles atravessam as pessoas e os grupos sociais. A interseccionalidade diz exatamente isto: o quanto determinados grupos são muito mais excluídos, têm pouca representatividade ou não são alvo das políticas públicas, porque eles estão interseccionando uma série de marcadores opressores, por exemplo, raça, etnia, gênero, sexualidade e classe social.

Olhar para o futebol de mulheres é olhar para isso, porque o futebol de mulheres historicamente se constituiu com um grupo de mulheres que são as mulheres periféricas, as mulheres urbanas, as mulheres que estão à margem e que não têm outros espaços de sociabilidade esportiva que não o futebol. E a gente pode pensar que esses marcadores atravessam o futebol de mulheres que, por algum tempo, tinha sua história muito marcada pela presença de mulheres negras.

Em determinados momentos, houve uma tentativa de embranquecimento do futebol, não só da Seleção Brasileira, mas de outras perspectivas de olhar o futebol. Por exemplo, teve a Paulistana de 1997, o Campeonato Paulista, que, nos materiais de divulgação, já indicava que não eram bem-vindas mulheres de “aparência masculina”. Tinham que ser mulheres “bonitas”, o que reflete uma tentativa de “feminilizar” o futebol, por meio de representações normativas de feminilidade. Essas representações estiveram presentes por muito tempo, dizendo que as mulheres do futebol deveriam ser mais femininas, usar roupas mais femininas, usar maquiagem, ou seja, ter atributos relacionados à representação da mulher branca cisheteronormativa.

Eu diria que só é possível pensar o futebol, como qualquer fenômeno social, a partir da interseccionalidade. Ou seja, essa perspectiva de olhar ao campo das práticas corporais esportivas dá maior acesso para entender porque, ao longo da história, a modalidade foi invisibilizada e, também, porque são determinados grupos que conseguem ascender no futebol e outros não. Dá para pensar, também, porque o futebol ainda é dominado pelos homens e as razões pelas quais, ao longo da história, há uma associação das mulheres que resolvem jogar futebol com aspectos relacionados à sua orientação sexual. O futebol é, predominantemente, associado aos homens e a uma dada masculinidade, no caso, viril cisheteronormativa e, eu diria, tóxica.

**RS, JVM e OP** – Além da questão da raça, podemos destacar os binarismos que ainda existem no esporte. Hoje, temos alguns poucos casos de mulheres trans e pessoas não binárias atuando no futebol, por exemplo, mas sabemos que as vivências dessas pessoas são marcadas por uma série de preconceitos. Como você acredita que podemos tentar desconstruir esses binarismos que ainda são tão presentes no esporte?

**SG** – O binarismo como uma lógica classificatória dos sujeitos é uma representação que se instituiu em determinado momento, segundo a qual as pessoas são diferenciadas pela anatomia, pelo biológico, pelo seu corpo. Dentro desse aspecto, a genitália ganhou relevância. Ou seja, homens e mulheres são tidos como sujeitos diferentes, cada qual englobando uma universalidade de aspectos, e esse binarismo é um modelo pelo qual se estrutura o próprio esporte. O esporte é definido a partir disso. Acontece que, como toda lógica classificatória, ela não dá conta de classificar aquilo tudo o que pretende.

As pessoas trans e as pessoas não binárias estão aí para mostrar o quanto esse sistema é falacioso. A sua materialidade corpórea coloca à vista a impossibilidade dessa classificação ou desse binarismo e faz ver que essa lógica só tem sentido para justificar a hierarquização de sujeitos à medida que traduz uma tentativa de classificar o que é inclassificável.

Eu entendo que o esporte pode implodir com essa lógica, à medida que essas pessoas adentrarem esse espaço, questionarem a divisão sob a lógica binária. Enfim, o esporte, ao mesmo tempo, é uma ferramenta importante para construir esse binarismo e justificá-lo conforme diferenças de capacidade física distintas para homens e mulheres universais. É, também, o que pode desconstruir esse mesmo discurso que produziu. Talvez, por isso, exista tanto preconceito e como cerceamento para que essas pessoas

participem do esporte, porque seus corpos e suas subjetividades desconstroem esses binarismos, sobretudo, porque são edificados a partir de uma representação universal de homem e uma representação universal de mulher, sem considerar que, nessas duas categorias, há uma ampla pluralidade, existem sujeitos que são muito diferentes. Os corpos não cisheteronormativos e brancos colocam em xeque essa representação binária. Volto a dizer que é uma representação que tenta classificar o que é inclassificável.

No entanto, não é simplesmente dizer que eles vão desconstruir essas representações, porque há toda uma série de preconceitos, de normatizações que tentam impedir ou limitar o amplo acesso dessas pessoas ao campo esportivo. E, volto a dizer, isso do meu ponto de vista se dá porque sua presença nas arenas esportivas dá a ver que o sistema binário é uma forma de classificação, uma representação, ou seja, uma construção. E, por ser uma construção, pode ser destruída, rompida, colocada em xeque o tempo inteiro. Talvez, por isso, os corpos das pessoas trans e não binárias incomodam tanto, porque elas fissuram essa representação de ser homem, de ser mulher segundo essa lógica binária que tem estruturado o pensamento sobre a distinção de gênero e de sexo.

**RS, JVM e OP** – Para além dos binarismos, sabemos que o esporte tem um papel de manutenção de formas hegemônicas de feminilidade. Em seu trabalho de maior fôlego, que segue como umas das principais referências para pensar gênero e esporte, você destaca essa categorização de papéis atribuídos ao corpo feminino pela *Revista Educação Physica* como um ser belo, limpo, maternal. Hoje, mais de 20 anos depois, como você vê essas imagens, especialmente no ambiente digital? Se, antes, as atletas eram retratadas assim pela mídia; hoje, também podemos encontrar esse tipo de representações produzidas por elas nas próprias redes sociais, com um argumento muito próximo ao neoliberalismo. Como esse controle de corpos é atualizado hoje e como podemos analisar essas atualizações no esporte atualmente?

**SG** – Junto às classificações binárias, temos a produção de representações de masculinidade e feminilidade, cujos atributos são relacionados fortemente às características anatômicas dadas no nascimento da pessoa. Ou seja, se é um homem, se identifica com uma dada masculinidade; e se é uma mulher, de feminilidade. E, conseqüentemente, espera-se que a orientação sexual de cada uma dessas pessoas corresponda a essa linearidade entre corpo, gênero e sexualidade, sobretudo aquela que historicamente é significada como a “normal” ou a desejada: a heteronormatividade

As imagens da *Revista Educação Physica* que eu analisei circularam nas décadas de 1930, 1940 e 1950, conformando uma representação da valorização da beleza, da maternidade e da feminilidade. Esse discurso continua, claro que revisitado e atualizado, mas a representação cisheteronormativa de mulher, que é aquela cujo maior apelo se dá não só na mídia, mas em todos os espaços sociais, na religião, na família, no pensamento médico, no pensamento educacional, no pensamento jurídico e se constitui segundo estes três atributos que são considerados como integrantes de uma dada feminilidade. “Seja bela, seja maternal e seja feminina” conformam essa representação de feminilidade cisheteronormativa, cujos desvios sempre são colocados em xeque e, muitas vezes, considerados abjetos.

Por exemplo, as mulheres que jogam futebol: muitas delas rompem com essa representação e, imediatamente, algumas suposições são feitas sobre seus corpos, sobre seus gêneros e, sobretudo, sobre a sua sexualidade, fazendo uma ligação direta entre a mulher que joga futebol, com um aspecto mais masculino ou um desejo de masculinidade e uma orientação não heteronormativa. Penso que, hoje, essa representação ainda tem um peso muito forte, porque efetivamente são os corpos que valem.

Nesse sentido, muitas atletas se colocam nas mídias sociais reafirmando esses atributos, porque efetivamente são valorizados e ligados a uma representação ainda fortemente marcada por atributos relacionados à feminilidade. E isso vende imagem, produtos e subjetividades no sentido que a pessoa está consoante a essas normas que são mais aceitas. A gente sabe o quanto as pessoas que escapam dessa representação sofrem de preconceito e violências, inclusive com maior possibilidade de serem mortas. Refiro-me ao alto índice no Brasil do assassinato de pessoas trans e do feminicídio, que tem uma forte relação com aquilo que se espera de uma mulher a partir de uma representação normativa que, como já mencionei, é social e culturalmente produzida. E, como sempre digo, aquilo que é produzido pode ser desconstruído, porque apenas uma representação não diz sobre a verdade dos sujeitos. Diz sobre sistemas de poder, de hierarquização e de exclusão porque induz a acreditar que algumas pessoas valem mais que outras.

**RS, JVM e OP** – Como esse controle de corpos das mulheres também se reflete nas representações e expectativas sobre os homens que atuam no esporte?

**SG** – O controle dos corpos femininos é algo estrutural em nossa sociedade. O olhar sobre o corpo de uma mulher é muito diferente do olhar sobre o corpo de um homem. E essas representações vão impactando a construção das masculinidades e no modo com o qual os homens veem as mulheres, o poder que incidem sobre as mulheres e a forma natural com que, muitas vezes, eles pensam que podem observar, tocar e violar o corpo das mulheres. Só existem representações de feminilidade porque tem representações de masculinidade; elas estão em disputa o tempo inteiro, elas dialogam com o tempo inteiro porque são inter-relacionais. Uma não existe sem a outra, ou seja, eu só posso pensar o que é masculinidade se eu pensar o que é feminilidade. São dois polos contraditórios, mas também complementares e estão em disputa o tempo inteiro.

Então, muitos dos homens que atuam no esporte, que é um terreno marcadamente produtor de uma dada masculinidade viril, observam as mulheres sob essa lógica. Vemos, por exemplo, que muitos dirigentes esportivos não têm um olhar para as mulheres a partir da diversidade do que são as mulheres. E, muitas vezes, incidem sobre elas esse mecanismo que é estrutural. Assim como o racismo é estrutural em nossa sociedade, o gênero é estrutural, e incidem as suas decisões e as suas perspectivas a partir dessas representações.

**RS, JVM e OP** – Temos notado tímidos movimentos recentes de grandes empresas de comunicação, como *Globo* e *ESPN*, no sentido de tentar tornar mais diversas as equipes de esporte. Contudo, algumas pesquisas – como o *survey*<sup>10</sup> sobre as mulheres que atuam ou já atuaram na Comunicação Esportiva no Brasil – mostram as disparida-

10 Vimieiro; Pilar; Souza, 2023.

des existentes em relação aos homens e à predominância de mulheres brancas. Como você avalia esse momento da comunicação esportiva?

**SG** – A mídia esportiva ou a comunicação esportiva, com relação às mulheres, e sobretudo as mulheres do futebol, só começou a prestar atenção por força das mídias alternativas. Foram elas que, por muito tempo, olharam para o futebol de mulheres como algo importante e fizeram aquilo que a mídia tradicional poderia ter feito: visibilizar, noticiar, dar a ver, questionar, exhibir e transmitir eventos.

Em dado momento, a mídia tradicional começou a olhar para esse campo do futebol, inclusive para não perder espaço; e os grandes conglomerados passaram a olhar para a modalidade como uma possibilidade mercadológica. Dentro dessa perspectiva, encontramos as disparidades, que são de homens e de mulheres brancas, ou seja, quem também compõem esse universo passa muito por essa lógica.

Temos visto muitas transmissões nos canais abertos que os comentaristas homens, como não acompanham a modalidade ou não a conhecem, não têm muito o que falar. Fazem comparações aos jogadores homens o tempo inteiro, como se fossem os jogadores homens que estivessem no protagonismo; erram o nome das jogadoras porque não conhecem a modalidade, ou seja, há um despreparo para isso. Além disso, muitos se sentem incomodados quando as mulheres ocupam espaços na mídia esportiva.

As narradoras, as comentaristas, nas redações esportivas ou nas transmissões a mulheres têm sofrido uma carga muito pesada de preconceito por acharem que elas não entendem de esportes e que aquele espaço não é delas. Recentemente, tivemos um exemplo, que merece demarcar, que foi a coletiva do Palmeiras para a qual presidente Leila (Pereira)<sup>11</sup> convocou só mulheres. Ali temos um recado para a mídia esportiva que alerta para o fato de que mulheres podem e devem ocupar esses espaços que ainda não são de fácil acesso para elas.

Essa tentativa de mostrar uma certa diversidade no esporte faz parte também de uma lógica mercadológica. Os movimentos feministas, os movimentos identitários como o movimento negro, o movimento LGBTQIA+ têm pautado temas e têm tido uma grande visibilidade. Nesse sentido, as instituições que não consideram essas pautas estão perdendo espaço de significação, poder e consumo. Por isso, é importante prestar atenção em quais são efetivamente as empresas ou os grupos que apoiam essas pessoas e quem está surfando na onda da diversidade. Quem faz o discurso de que agora tudo é politicamente correto e que, se é politicamente correto, tem que dar espaço para que esses grupos apareçam.

Mas o que eu quero dizer é que são as mulheres, aquelas que protagonizam o espaço, muitas vezes, são elas que, de determinadas maneiras, forjaram espaços alternativos para a visibilidade do futebol delas. É preciso entender que é tudo luta, não é concessão dos conglomerados, dos homens e nem dos grupos que têm hegemonia de poder. É disputa; e essa disputa é histórica, não é recente. Tardou muito para que as mulheres pudessem aparecer no canal aberto de televisão jogando bola com a fluência que a gente tem hoje.

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/palmeiras/artigo/\\_/id/13104940/leila-pereira-explica-entrevista-so-para-mulheres-palmeiras-rebate-criticas-nao-sejam-historicos](https://www.espn.com.br/futebol/palmeiras/artigo/_/id/13104940/leila-pereira-explica-entrevista-so-para-mulheres-palmeiras-rebate-criticas-nao-sejam-historicos). Acesso em: 30 jan. 2024.

**RS, JVM e OP** – Você e outras pessoas que pesquisam esporte têm destacado que o futebol de mulheres, muitas vezes, só tem a devida visibilidade em momentos de grandes eventos, como finais de campeonato, Copa do Mundo e Olimpíadas. Gostaríamos que você falasse um pouco mais sobre isso e como isso prejudica não só o futebol, como as demais modalidades praticadas por mulheres.

**SG** – Eu acho que esse movimento das mídias não tradicionais já demarca uma pequena diferença com relação à visibilidade do futebol de mulheres só nos grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Isso pode ter acontecido em determinado momento, mas creio que, a partir de 2019, na Copa do Mundo da França, e depois com as determinações da Conmebol das equipes de mulheres participando das competições, o Campeonato Brasileiro com mais clubes participando e com a ampliação no número de jogos e mais campeonatos. Isso possibilitou que, num primeiro momento, a mídia mais alternativa ocupasse esse espaço de visibilidade e puxasse as transmissões. Hoje, conseguimos ver o futebol de mulheres em várias competições, não só no canal aberto, mas nos canais pagos e nas mídias alternativas.

Chamo a atenção da última Copa do Mundo de Futebol o quanto a gente viu, por exemplo, a *Cazé TV*, que teve um sucesso estrondoso de transmissão, com mais de um milhão de aparelhos conectados<sup>12</sup>. E isso tem um impacto bastante grande no entendimento que se tem sobre o futebol de mulheres. E desconstrói aquele discurso de que não é interessante, que as pessoas não têm vontade de ver. Talvez as pessoas não tenham sido educadas para ver o futebol de mulheres. Observamos muito isso ainda nos comentários que aparecem nas redes sociais, onde aparecem coisas, por exemplo, que as jogadoras são feias ou o jogo é horrível, lento.

Enfim, há uma série de questões para a gente pensar, mas já não dá para dizer que são apenas nos megaeventos esportivos que existe uma maior visibilidade televisiva. Isso talvez não se aplique às matérias de jornal, sobretudo dos grandes jornais que continuam noticiando muito pouco o futebol de mulheres. Nesse caso, sim, porque as notícias circulam com mais frequência mais algum evento, alguma uma efeméride.

Há, ainda, pouca produção de conteúdo para discutir, debater, trazer esse tema com a relevância que ele merece. E isso impacta em outras modalidades, porque o futebol é o esporte com visibilidade quase absoluta na mídia esportiva, sobretudo na escrita. É futebol de segunda a segunda e é o futebol deles. Então, se o futebol tem essa importância, e o futebol delas é pouco noticiado, o que pensar isso sobre as outras modalidades? Quando se notícia é porque teve algo importante, alguma atleta se destaca ou uma equipe conquista algum campeonato ou um bom resultado, mas logo já cai no esquecimento. Então, tem um impacto muito forte em todas as modalidades, porque há muitos impeditivos para as mulheres estarem no esporte e a pouca visibilidade é um deles.

**RS, JVM e OP** – Temos acompanhado um aumento de estudos que se dedicam ao tema, especialmente ao futebol de mulheres, mas sabemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido. Nesse sentido, como você projeta a agenda futura das pesquisas em Gênero e Esporte?

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/copa-do-mundo-feminina-records>. Acesso em: 30 jan. 2024.

**SG** – Eu não tenho dúvida que, no campo acadêmico, sobretudo na última década, o futebol de mulheres tem sido tematizado em várias áreas de produção de conhecimento. Tem sido observado como um tema importante de ser analisado, não apenas do ponto de vista da história, mas de olharmos para esse fenômeno esportivo, que é muito importante. Os estudos têm se debruçado sobre isso, e percebo esse aumento na produção acadêmica a partir da exposição “Visibilidade do Futebol Feminino” do Museu do Futebol, de 2015, que teve repercussão não só em São Paulo, como também nacionalmente. Desde então, eu tenho percebido um grande aumento no número de produções acadêmicas e não acadêmicas, de sites especializados, revistas, livros escritos não apenas com base em pesquisas acadêmicas.

A perspectiva de gênero e esporte está sempre em construção e é um tema que tem aparecido com certa frequência. A categoria gênero, que é estrutural em nossa sociedade, diz respeito a todos nós o tempo inteiro. Além de ser uma categoria analítica, gênero é um marcador identitário e é um marcador político que hierarquiza grupos, pessoas e instituições. Olhar o esporte a partir do recorte de gênero tem possibilitado perceber isso: quem e quando tem apoio, quem recebe financiamento, que relação há entre investimento e resultado, entre tantas outras questões. Como esperar grandes resultados de mulheres se elas não têm as condições, muitas vezes básicas, para entrar no esporte, permanecer e se desenvolver como atletas? Não estamos falando somente do profissional, mas atletas com uma estrutura adequada para estar nesse espaço. O campo dos estudos de gênero no esporte precisa se intensificar cada vez mais porque torna visível que muitas das diferenças e desigualdades presentes no universo cultural do esporte resultam das relações entre os gênero, e isso tem impactos significativos nas vidas dos sujeitos.

## Referências

VIMIEIRO, Ana Carolina; PILAR, Olívia; SOUZA, Rafaela Cristina de. **Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro?** Demografia, funções desempenhadas, veículos que as empregam e desafios interseccionais. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Anais do Intercom, 2023.

GARIMPANDO MEMÓRIAS. Disponível em: <https://garimpandomemorias.univasf.edu.br/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen – Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/ssj.2015-0136>. Acesso em: 27 mai. 2024.

Recebido em: 06 fev. 2024  
Aprovado em: 14 abr. 2024